



## Auroville, impressões e descobertas

*Auroville, impressions and discoveries*

Luis Octavio Pereira Lopes de Faria e Silva\*

### Resumo

Descrição da experiência de Auroville, uma Comunidade Intencional no sudeste indiano, chamada por alguns de comunidade alternativa, por outros de ecovila ou mesmo de cidade sustentável (ainda que haja questionamentos sobre tratar-se de uma cidade ou de um bairro), onde se busca a regeneração ambiental de um território destruído por séculos de manejo inadequado. Baseado em observações a partir de visita do autor a Auroville, em informações colhidas em bibliografia referente e em alguns questionamentos quanto ao que se pode depreender da experiência, este artigo busca apresentar um pouco do histórico e características daquela Comunidade Intencional, entendida como uma transformação na paisagem que vem se dando há cinco décadas, atualizando-se continuamente, e onde vários experimentos foram e são levados a cabo. São apresentados os princípios fundadores de Auroville, o projeto inicial e sua transformação ao longo do tempo, a regeneração da paisagem ali empreendida, onde se destaca a importância do manejo das águas, o lastro da experiência como um todo em uma intuição de caráter espiritual, experimentos realizados quanto à gestão da produção de alimentos, à modalidade de propriedade praticada, às técnicas construtivas e algumas questões financeiras.

**Palavras-chave:** Palavras-chave: Sustentabilidade, Regeneração da paisagem, Comunidades Intencionais

### Abstract

Description of the experience of Auroville, an Intentional Community in southeastern India, called by some an alternative community, by others an ecovillage or even a sustainable city (although there are questionings about whether it is a city or a neighborhood), where one seeks the environmental regeneration of a territory destroyed by centuries of inadequate management. Based on observations from the author's visit to Auroville, on information collected in related bibliography and on some questionings on what can be inferred from the experience, this article seeks to present some of the history and characteristics of that Intentional Community, understood as a transformation of the a landscape that has been taking place for five decades, continually updating itself, and where several experiments have been and are being carried out. The founding principles of Auroville are presented, and also the initial project and its transformation over time, the regeneration of the landscape there undertaken, highlighting the importance of water management, the weight of experience as a whole in a spiritual intuition, management of food production, the modality of property practiced, constructive techniques and some financial issues.

**Keywords:** Sustainability, Landscape regeneration, Intentional Communities

\*Luis Octavio de Faria e Silva, arquiteto pela FAUUSP (1989), com mestrado (2001) e doutorado (2008) pela mesma instituição. Professor na Graduação e no Programa de Pós-graduação stricto sensu do curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade São Judas Tadeu. Coordenador do curso de pós-graduação lato sensu Habitação e Cidade, na Escola da Cidade.

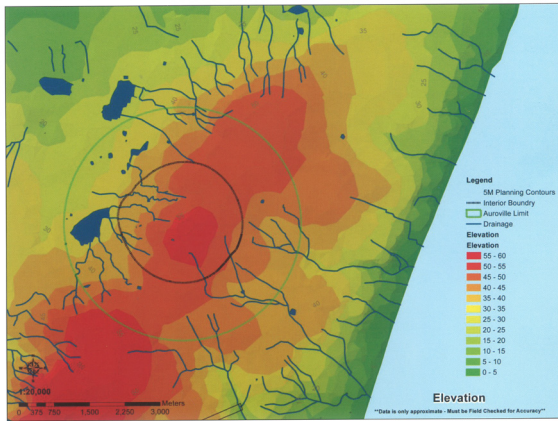


Figura 1. Indicação do círculo de aproximadamente cinco quilômetros e anel central do território onde se instalou Auroville, em mapa que mostra a geomorfologia da região e sua condição de elevação suave, divisora de águas, próxima ao Golfo de Bengala. fonte: FASSBENDER, 2013, p. 159.

**A**uroville, junto à costa indiana no golfo de Bengala, é um conjunto de experimentos que gravitam em torno de uma intuição a partir dos ensinamentos de Sri Aurobindo<sup>1</sup>, guru indiano que viveu entre o final do século XIX e meados do século XX. Localiza-se na sua quase totalidade em uma área de formato aproximadamente circular, com cinco quilômetros de diâmetro (Figura 1), nos arredores de Pondicherry (ou Puducherry, como tem sido chamada atualmente, em função de um movimento contemporâneo de nacionalizar toponímias na Índia), cidade no sudeste do subcontinente indiano. Pondicherry foi uma colônia francesa, cujo território original que, além da cidade com o mesmo nome, inclui outras áreas, quando de sua incorporação à República da Índia, manteve-se como parte do conjunto de territórios da União que se assemelham a um arquipélago de terras governadas diretamente pelo governo central e que no caso de Pondicherry se espalham, sem contiguidade, nos Estados

indianos de Tamil Nadu, Kerala e Andhra Pradesh; assim, curiosamente têm o mesmo nome de Pondicherry territórios dispersos, dentro de outros Estados. Foi em uma dessas terras (onde está a cidade chamada de Pondicherry) na então colônia francesa encravada na que se chamou de Índia Britânica, que o guru Sri Aurobindo se exilou em 1910, depois de passar um período na prisão em função de ter participado de movimento pela independência da Índia do domínio colonial dos britânicos<sup>2</sup>. Havia então enclaves coloniais da França e de Portugal (Goa) na grande região dominada pelo Império Britânico e foi em Pondicherry que Sri Aurobindo decidiu se estabelecer, não mais em busca de liberdade política, mas da liberdade da mente frente ao ego. Em suas reflexões daquela época, entende que

(...) pode haver muitas formulações da consciência e experiência da mente em seu mais alto plano; já que a mente em seu mais alto pla-

1. Sri Aurobindo (1872-1950)  
– vai jovem para a Inglaterra, onde estuda por 15 anos; volta para a Índia e participa de movimento revolucionário pela libertação de sua terra natal do jugo britânico  
2. Informações disponíveis em <[http://www.sriurobindoashram.org/ashram/sriurobindo/life\\_sketch.php](http://www.sriurobindoashram.org/ashram/sriurobindo/life_sketch.php)>, acesso em 04/10/2017.

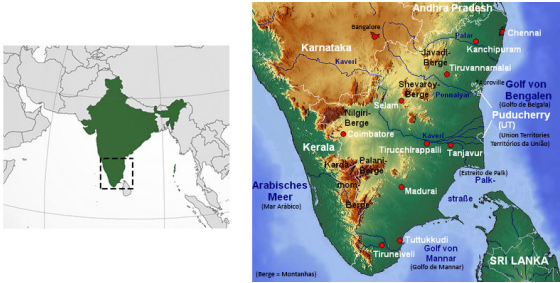


Figura 2. Mapa topográfico do sudeste da Índia, editado pelo autor Disponível em <[https://www.google.com.br/search?biw=1536&bih=711&tbm=isch&sa=1&q=Tamil+Nandu+e+Pundicherry+India+no+mapa+topogr%C3%A1fico&aq=Tamil+Nandu+e+Pundicherry+India+no+mapa+topogr%C3%A1fico&gs\\_l=psy-ab.3...313912.318213.0.318629.12.12.0.0.0.0.331.1797.0j3j4j1.8.0.dummy\\_maps\\_web\\_fallback...0...1.1.64.psy-ab.4.0.0...0.7R6UeatdGDA#imgc=j3pr-DsQDknQ2M](https://www.google.com.br/search?biw=1536&bih=711&tbm=isch&sa=1&q=Tamil+Nandu+e+Pundicherry+India+no+mapa+topogr%C3%A1fico&aq=Tamil+Nandu+e+Pundicherry+India+no+mapa+topogr%C3%A1fico&gs_l=psy-ab.3...313912.318213.0.318629.12.12.0.0.0.0.331.1797.0j3j4j1.8.0.dummy_maps_web_fallback...0...1.1.64.psy-ab.4.0.0...0.7R6UeatdGDA#imgc=j3pr-DsQDknQ2M)> Acesso em <30/09/2017>

3. “But there can be many formulations of overmind consciousness and experience; for the overmind has a great plasticity and is field of multiple possibilities. In place of an uncentred and unplaced diffusion there may be the sense of the universe in oneself or as oneself; but there too this self is not the ego; it is an extension of a free and pure essential self-consciousness or it is an identification with the All, - the extension or the identification constituting a cosmic being, a universal individual”, p. 986.

4. Informações disponíveis em <https://www.auroville.org/contents/533> acesso em 04/10/2017 acesso em

04/10/2017  
Um sonho.

Deveria haver um lugar que nenhuma nação poderia reivindicar como próprio, onde todos os seres humanos de boa vontade que tenham uma aspiração sincera possam viver livremente como cidadãos do mundo e obedecerem a uma única autoridade, a da Suprema Verdade; um lugar de paz, concórdia e harmonia onde todos os instintos de luta do homem seriam usados exclusivamente para conquistar as causas de seus sofrimentos e misérias, superar suas fraquezas e ignorância, triunfar sobre suas limitações e incapacidades; um

no de consciência tem uma grande plasticidade e é campo de múltiplas possibilidades. Nessa sua condição, no lugar de uma difusão não centrada e deslocada, pode haver o sentido do universo em si mesmo ou como a si mesmo; mas também este “si mesmo” não é o ego; é uma extensão de uma autoconsciência essencial livre e pura ou é uma identificação com o Todo (...). (AUROBINDO, 2005 Pág. 986 tradução do autor<sup>3</sup>).

Em Pondicherry (Figura 2), Sri Aurobindo passa a viver e receber seguidores num espaço de procura pelo desenvolvimento espiritual, num tipo de instituição que na Índia é chamada de *ashram*. Dentre os seguidores, destacou-se Mira Alfassa (1878-1973), que depois ficou conhecida como *A Mãe*, francesa de mãe egípcia e pai turco, artista, que vai pela primeira vez a Pondicherry em 1910 e depois volta em 1914 quando encontra pessoalmente o guru e yogue Sri Aurobindo. Depois de passar alguns anos no Japão, se estabelece (em 1920) em Pondicherry como companheira espiritual de Sri Aurobindo, que a partir de 1926 passa a viver em retiro. É sua a intuição sobre Auroville, que acontece em seus passeios noturnos nos arredores de Pondicherry, terras então maltratadas e desertificadas (Figura 3). Uma árvore Bayan (*Ficus benghalensis*) que é mantida e reverenciada no centro de Auroville teria sido local da intuição de uma nova condição de vida em comunidade, que *A Mãe* expressa no texto “O Sonho”<sup>4</sup>. Com seu carisma pessoal, *A Mãe* aglu-

tinava adeptos da ideia da materialização de uma comunidade voltada para o desenvolvimento humano, com uma configuração que se pretendia distante da forma de cidade até então praticada. Curiosamente, trata-se de um procedimento utilizado pelas chamadas vanguardas artísticas históricas, que viam tudo o que se havia feito antes delas como equívocos e, num abandono em maior ou menor medida daquilo que representasse o caminho percorrido, lançavam-se à aventura do novo (BERMAN, 1997, p. 23-26). No caso de Auroville, um impulso passível de ser relacionado à experiência da Modernidade associa-se, então, como veremos, a uma dinâmica tradicional de implantação humana na paisagem.



Figura 3. Foto da década de 1960 das terras onde Auroville se instalou. Fonte: FASSBENDER, 2013, p. 12.

Roger Anger (1923-2008), arquiteto francês com formação na École des Beaux-Arts de Paris (diplomado em 1947), que frequentava o *ashram* de Sri Aurobindo, envolve-se com a busca de um desenho para a intuição d’*A Mãe* e assim surgem os primeiros estudos que são apresentados

lugar onde as necessidades do espírito e a preocupação com o progresso teriam precedência sobre a satisfação de desejos e paixões, a busca de prazer e do material.

Neste lugar, as crianças poderiam crescer e desenvolver-se de forma integral sem perder contato com suas almas; a educação seria dada não para a aprovação em exames ou a obtenção de certificados e postagens, mas para enriquecer as faculdades existentes e criar novas. Neste lugar, títulos e cargos seriam substituídos por oportunidades para servir e organizar; as necessidades corporais de cada um seriam igualmente previstas e a superioridade intelectual, moral e espiritual seria expressa na organização geral não por um aumento nos prazeres e poderes da vida, mas por maiores deveres e responsabilidades.

A beleza em todas as formas artísticas, pintura, escultura, música, literatura, seria igualmente acessível a todos; a capacidade de compartilhar a alegria que traz seria limitada apenas pelas capacidades de cada um e não pela posição social ou financeira.

Pois, neste lugar ideal, o dinheiro não seria mais o senhor soberano; o valor individual teria uma importância muito maior do que a riqueza

material e a posição social. Lá, o trabalho não seria uma maneira de ganhar a vida, mas uma maneira de se expressar e desenvolver as capacidades e possibilidades de uma pessoa, enquanto serve à comunidade como um todo, o que, por sua própria parte, proporcionaria a subsistência e esfera de ação de cada indivíduo.

Em suma, seria um lugar onde as relações humanas, que normalmente se baseiam quase que exclusivamente em competição e conflitos, seriam substituídas por relações de emulação em fazer bem, colaboração e fraternidade real (tradução do autor).

A Dream

There should be somewhere on earth a place which no nation could claim as its own, where all human beings of goodwill who have a sincere aspiration could live freely as citizens of the world and obey one single authority, that of the supreme Truth; a place of peace, concord and harmony where all the fighting instincts of man would be used exclusively to conquer the causes of his sufferings and miseries, to surmount his weaknesses and ignorance, to triumph over his limitations and incapacities; a place where the needs of the spirit and the concern for progress would

e debatidos, sendo eleita como referência para Auroville a proposta de uma forma circular com linhas de força a partir do centro para as bordas que faz pensar na Via Láctea (Figura 4), imagem fundadora que ainda hoje é reverenciada - há uma maquete desse projeto de Anger (Figura 5) realizado entre 1965 e 1968 que é mantida no edifício onde se dá o planejamento do conjunto aurovilliano, chamado localmente de *Town Hall*. Trata-se de um projeto que muito faz pensar nas discussões sobre a arquitetura e sobre a forma da cidade que se davam na década de 1960, quando houve uma especial dedicação à ideia de grandes estruturas, a serem construídas frequentemente “de um só golpe”, que abrigariam a sociedade nova que se aspirava (BANHAM, 2001, p. 13). O projeto inicial de Auroville se apresenta como uma série de grandes estruturas, edifícios “rampas” que acompanhariam as linhas de força acima referidas, associados entre si por construções baixas que fazem pensar em marquises como a do conjunto do Ibirapuera (projeto de Oscar Niemeyer), mas de maior extensão e área do que este, provavelmente com inúmeros usos associados: tratou-se de um estudo inicial que não foi desenvolvido, deixando para a imaginação a tarefa de especular sobre os movimentos e usos que seriam ali favorecidos e sobre um ritmo possível para se construir o conjunto. Podemos nos referir a esse projeto de Auroville como sendo uma megaestrutura, em consonância com a discussão arquitetônica e espírito da época e também o projeto está afinado com a perspectiva

de zoneamento monofuncional então propagado como solução, algo relacionado com a ideia de cidade do modernismo que teve como expoente o arquiteto Le Corbusier, de quem Anger declara ter tido influência (entrevista com o arquiteto, em FASSBENDER, 2013 p. 18-23), em que zonas seriam demarcadas com usos específicos - zona residencial, zona comercial, zona administrativa e assim por diante, algo que se materializou em experiências como a de Chandigarh (projeto de Le Corbusier de 1953), no Estado do Punjab - noroeste da Índia, e do Plano Piloto de Brasília (projeto de Lúcio Costa de 1957), e que hoje são objeto de reconsiderações em função de dificuldades decorrentes. Em Auroville, logo de saída, já se flexibilizou essa perspectiva de zonas monofuncionais e mais ainda da construção de grandes estruturas, substituindo-se estas por uma ocupação mais difusa e de edifícios relativamente pequenos (exceto por alguns edifícios institucionais e por edifícios de até quatro pavimentos feitos nos últimos anos) e mantendo-se faixas de forma geral apenas predominantemente relacionadas a certas funções - assim, existe a Zona Internacional, com edifícios institucionais, mas com alguns serviços e comércio (no Centro de Visitantes), e as originalmente entendidas como zonas de trabalho e residencial diversificaram-se como funções e são atualmente percebidas como um composto de moradias e usos associados tanto à produção, como a instituições voltadas para educação e cura, além de serviços e algum comércio (restaurantes, pousadas e

take precedence over the satisfaction of desires and passions, the search for pleasure and material enjoyment.

In this place, children would be able to grow and develop integrally without losing contact with their souls; education would be given not for passing examinations or obtaining certificates and posts but to enrich existing faculties and bring forth new ones. In this place, titles and positions would be replaced by opportunities to serve and organise; the bodily needs of each one would be equally provided for, and intellectual, moral and spiritual superiority would be expressed in the general organisation not by an increase in the pleasures and powers of life but by increased duties and responsibilities.

Beauty in all its artistic forms, painting, sculpture, music, literature, would be equally accessible to all; the ability to share in the joy it brings would be limited only by the capacities of each one and not by social or financial position.

For in this ideal place money would no longer be the sovereign lord; individual worth would have a far greater importance than that of material wealth and social standing. There, work would not be a way to earn one's living but a way to express oneself and

to develop one's capacities and possibilities while being of service to the community as a whole, which, for its own part, would provide for each individual's subsistence and sphere of action.

In short, it would be a place where human relationships, which are normally based almost exclusively on competition and strife, would be replaced by relationships of emulation in doing well, of collaboration and real brotherhood.

Disponível em <<https://www.auroville.org/contents/197>> acesso em 22/10/2017

5. Doações têm sido solicitadas para continuar aquisição de terras nas bordas de Auroville, atualmente com a ideia de completar e viabilizar um "green belt" para garantir adequadas condições ambientais. Ver <https://www.auroville.org/contents/3793>, acesso 19/10/2017

pequenas lojas). A produção agrícola que mais adiante trataremos está distribuída de maneira difusa em todas as zonas e conta também com terras a alguns quilômetros de distância do círculo base da comunidade.

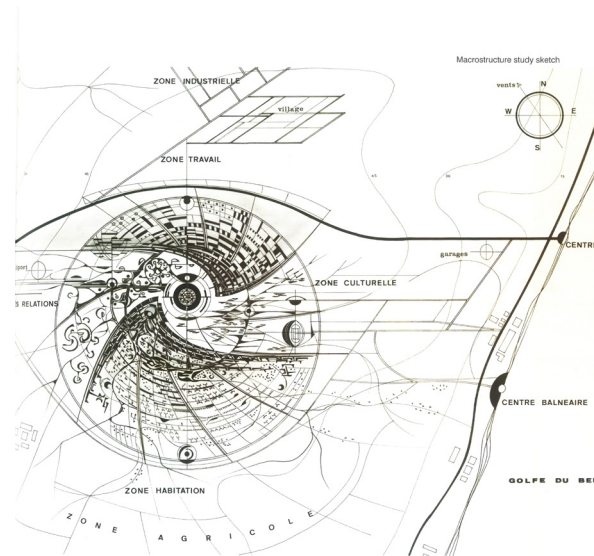


Figura 4. Projeto original de Auroville, arquiteto Roger Anger. Fonte: FASSBENDER, 2014, p.12.



Figura 5. Maquete do Projeto original existente no Town Hall de Auroville. Foto do autor.

Nos primeiros tempos da materialização de Auroville, as ações inaugurais foram no sentido de regenerar a vegetação de suas terras, que havia sido destruída por séculos de manejo inapropriado. O bioma da região é chamado de Tropical Dry Evergreen Forest (TDEF) - Floresta tropical sempre verde de clima seco (semi árido) - e se localizava originalmente em toda a planície do estado de Tamil Nadu e no norte do Sri Lanka. Sua cobertura vegetal original foi quase totalmente removida por séculos de ação antrópica indevida e, quando do início da aquisição de terras para Auroville, naquela região nos primórdios vegetada restavam apenas palmeiras (de nome Palmyra - *Borassus flabellifer*) esparsas, entre fendas (*canyons*) abertas pelas chuvas de grande intensidade, das monções, nas terras nuas em função de falta de cuidado e compreensão efetiva de suas dinâmicas (Figura 6).



Figura 6. Situação atual da vegetação nos arredores de Auroville. Foto do autor.

Apoio financeiro por parte daqueles que aderiram à ideia de Auroville tem viabilizado a compra das



Figura 7. Imagem dos primeiros tempos de plantio. Fonte FASSBENDER, 2013, p.36.



Figura 8. Jardim de Chuva em Auroville, Aurodam. Foto do autor.



Figura 9. “Biovaleta” junto à via em Auroville. Foto do autor.

terras onde vem se dando essa instigante experiência de materialização de uma possibilidade outra de dinâmica de vida humana<sup>5</sup>, apesar das inúmeras contradições e paradoxos de sua justaposição com formas de ocupação e dinâmicas convencionais do sistema econômico preponderante em nosso mundo globalizado. As terras são propriedade de uma Fundação e, desde o início de Auroville, pertencem à coletividade, sendo praticada ali uma modalidade de propriedade equivalente à de concessão para aqueles que desenvolvem projetos aprovados pela comunidade e ali estão instalados. Em princípio, interessados em desenvolver projetos que estejam em consonância com as premissas de Auroville podem apresentá-los para debate na comunidade que, a partir daí, acontece com uma participação intensa dos denominados aurovillianos, em reuniões realizadas nos edifícios administrativos. Aprovado um projeto, há a definição de área para seu desenvolvimento e, eventualmente, recursos provenientes de fundos existentes poderão ser para ele destinados. Mais adiante, voltaremos ao assunto da economia local e traremos mais dados para um raciocínio sobre experimentos referentes que têm sido realizados em Auroville.

O plantio de árvores para a regeneração da mata local se iniciou com ações singelas que incluíam um cuidado e monitoramento caso a caso, feito sempre pelos voluntários que aderiram à proposta (Figura 7).

O reflorestamento foi iniciado associado a um conjunto de intervenções sem as quais não teria

êxito. As fendas abertas pelas chuvas, não só evidências e catalisadoras da ruína das terras, também serviam de drenos velozes para as águas pluviais que possibilitam o crescimento vegetal. Barragens foram executadas para conter essas águas que então escoavam rapidamente para o mar próximo em alguns quilômetros, impedindo a vegetação de se recompor. Também se iniciou uma prática até hoje mantida de se estabelecer o que atualmente chamamos de “jardins de chuva”, áreas de retenção de águas, resultando em charcos intermitentes, lugares para percolação e recarga de lençóis freáticos e que favorecem o crescimento de plantas (Figura 8).

O manejo das águas foi, assim, desde o início de Auroville, um raciocínio sistêmico e indispensável. A ideia de infraestrutura verde que hoje defendemos foi ali desenvolvida em função de bom senso no esforço de regeneração, e estratégias como o já citado “jardim de chuva” e o que chamamos atualmente de “biovaletas” (Figura 9) têm sido utilizadas mesmo antes desões termos e conceitos a eles associados se tornarem contumazes na literatura sobre desenho da paisagem. Consolida-se apenas nos últimos tempos entre nós, quanto à forma de gerir a água, que

como uma das funções de uma infraestrutura verde, a cidade seria atendida por um sistema de drenagem natural, para o tratamento das primeiras chuvas, e por uma rede de alagados construídos, para o polimento das águas resi-

duais (PELLEGRINO, MOURA, 2017, p. xiii).

Em Auroville, essa postura teria sido base das ações transformadoras em função de sua fragilidade inicial quanto às águas tanto para o crescimento da vegetação como para o consumo humano.

A perspectiva de cuidados com o ambiente que está presente desde o início de Auroville é a base para o desenvolvimento e aplicação de experimentos que hoje aglutinamos sob o título de infraestrutura verde. Outros experimentos foram levados a cabo em Auroville e sobre eles dedicaremos algumas linhas a seguir, mas vale antes retomar a ideia de uma intuição fundadora que serve de âncora para muitas ações, sem a qual Auroville em princípio não teria se desenvolvido.

A hipótese com a qual aqui se trabalha é a de que o campo de experimentações representado por Auroville só é uma possibilidade efetiva de transformação em função de estar ancorada em intuição relativa a uma dimensão espiritual. A visão d'A Mãe, que foi sintetizada na chamada Carta de Auroville<sup>6</sup>, está de fato expressa nos desenhos tanto do arranjo geral pretendido (desenvolvido com o arquiteto Roger Anger) como na geometria vigorosa presente no lugar central do conjunto, espaço de concentração e meditação, com um edifício, com forma esférica abateda (chamado de Matrimandir - Figuras 10 e 11), circundado de jardins, que invocam qualidades e condições, que se deseja cultivar e estabelecer (e

que simbolizam a possibilidade humana - Figura 12). Esse Centro tem uma geometria que é investigação e expressão de uma dimensão inerente à condição humana, mas que em função da pouca atenção que a experiência moderna tem dado a ela, a impressão é que se trata de transcendência em relação à vida como possibilidade. A dimensão a que se refere é a de uma Unidade que tudo contém e a geometria de um Centro é sua expressão. A construção que expressa e é Centro repete a criação do mundo. Sua geometria é o que chamamos de sagrada: estabelece o "Centro do Mundo" (ELIADE, 1991, p.143).

"Em cada cidade e em cada casa nova que construímos, imitamos novamente e em certo sentido repetimos a Criação do Mundo. De fato, toda cidade, toda moradia está no "centro do universo" e, como tal, a construção não é possível a não ser pela abolição do espaço e do tempo profanos e instauração do espaço e do tempo sagrados." (ELIADE, 1991, p.310).



Figura10. Vista de Matrimandir. Foto do autor.

6. Carta de Auroville (documento apresentado pel'A Mãe, com os princípios da proposta de nova condição de vida em comunidade, com quatro itens)

1 Auroville não pertence a alguém em particular. Auroville pertence à humanidade como um todo. Mas, para se viver em Auroville, é preciso ser um servidor disposto da divina consciência.

2 Auroville será o lugar de uma educação contínua e eterna, de progresso constante, de uma juventude que nunca acaba.

3 Auroville quer ser a ponte entre o passado e o futuro. Aproveitando todas as descobertas exteriores e interiores, Auroville irá corajosamente brotar em direção a realizações futuras.

4 Auroville será o local de pesquisas materiais e espirituais no sentido da realização de uma efetiva unidade humana.



Figura 11. Maquete de Matrimandir exposta no Centro de Visitantes. Foto do autor.

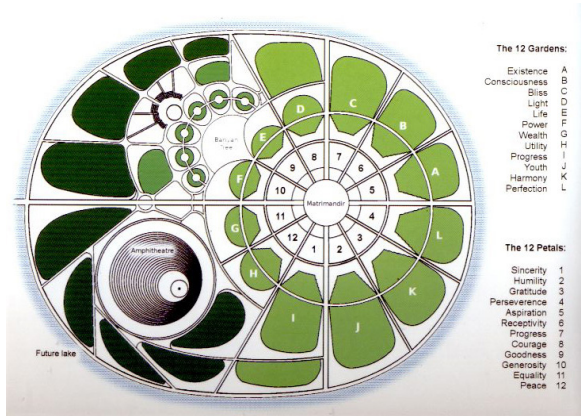


Figura 12. Esquema dos jardins no entorno de Matrimandir fonte FASSBENDER, 2013, p.148.

7. l'eternel retour collection Folio/ Essais Sarthe La Flèche: Gallimard, 2002 - tradução do autor - "L'établissement dans une contrée nouvelle, inconnue et inculte, équivaut à un acte de création.(...) ils ne considèrent cet acte ni comme une oeuvre originale, ni comme un travail humain

et profane. Leur entreprise n'était pour eux que la répétition d'un acte primordial: la transformation du chaos en Cosmos par l'acte divin de la Création. En travaillant la terre désertique, ils répétaient en fait l'acte des dieux, qui organisaient le chaos en lui donnant formes et normes"(p. 22)

A ideia defendida aqui é a de que, no caso de Auroville, a geometria sagrada é âncora indispensável que estrutura o espaço onde se dão experimentos - âncora que sustenta, protege e permite a investigação do que se tem entendido como transcendência, mas que se defende como inerente ao ser humano, e que possibilita a experimentação que aponta para o seu desenvolvimento.

A Fundação de Auroville se dá em 1968 através de um ritual no qual representantes de várias localidades (124 Países e todos os Estados indianos) estão presentes e depositam um pouco de terra (proveniente de suas regiões) em uma urna que atualmente se vê no anfiteatro que faz parte dos jardins centrais, junto a Matrimandir (Figura 13). Mircea Eliade, em seu livro *Le mythe de l'éternel retour*, ao se referir a povos tradicionais, aponta que, para estes, "instalar-se em uma terra nova, desconhecida e inculta é equivalente a um ato de criação" (Op. Cit, 2002, p. 22). Podemos fazer aqui uma analogia, considerando as terras junto à árvore *Bayan* onde *A Mãe* teve sua intuição como sendo esvaziadas e sem a aplicação de saberes para uma condição harmônica e, assim, sem cultivo (inculta) e representando uma nova possibilidade. Os povos que tinham tradições em sua base entendiam seu estabelecimento em uma terra a ser revelada "nem como trabalho original nem como trabalho humano e profano [mas como] a repetição de um ato primordial: a transformação do caos em Cosmos pelo ato divino da Criação" (ELIADE, 2002, p.22).

Referindo-se à ocupação da Islândia por parte de colonos escandinavos, fala de maneira que podemos reproduzir no que se refere a Auroville: " Ao trabalhar a terra deserta, eles estavam realmente repetindo o ato dos deuses, que organizaram o caos, dando-lhe formas e normas" (ELIADE, 2002, p.22)<sup>7</sup>. O rito de início de recomposição da paisagem que se deu em Auroville faz pensar em procedimentos utilizados por povos tradicionais no lidar com o espaço a ser ocupado e, assim, desvelado. Trata-se de um processo de compreensão daquele Lugar, no sentido de geomorfologia associada a significados profundos. A maneira como os ciclos naturais ali se davam e a perspectiva de desenvolvimento da consciência humana sendo entendidos como faces da mesma moeda.



Figura 13. Inauguração de Auroville – vista da urna simbólica fonte FASSBENDER, 2013, p.25.

O processo de regeneração da paisagem que se percebe em Auroville tem como prerrogativa, como se pôde deprender acima, a água como um componente e instrumento de cura. Nesse



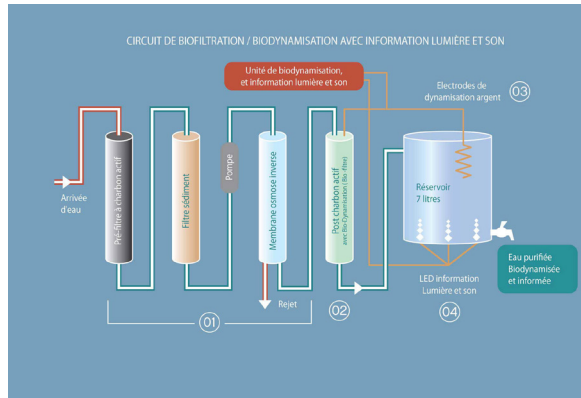


Figura 14. Esquema de filtragem com processo de dinamização fonte Disponível em <<http://aquadynauroville.com/site/>> Acesso em 18/10/2017.

sentido, apontando para o cuidado com os seres humanos, foi ali desenvolvido, por um grupo coordenado por um dos fundadores de Auroville chamado Bhagwandas, um filtro para tratamento da água a partir de pesquisa no sentido da busca do desenvolvimento humano e dedicada a causas humanitárias<sup>8</sup>. No processo de filtragem proposto, há uma fase que se chamou de dinamização, que se dá a partir da exposição da água a luz e a sons curadores. Pesquisas sobre arranjo molecular da água quando submetida a mantras ou a músicas como a de Mozart ou Bach são apresentadas como base para esse tratamento adicional da água potável que se desenvolveu em Auroville, sendo portanto um dos experimentos voltados para o desenvolvimento humano e regeneração que têm sido levados a cabo a partir das intenções expostas nos documentos fundadores daquela comunidade (Figura 14).

Também, desde o início de Auroville, ocupou-se da produção dos alimentos para permitir o sustento da comunidade, tendo sido uma prerrogativa d'A Mãe que não se caísse nos erros que faziam parte da inércia de uma forma de lidar com o planeta que se pretendia superar e, assim, quanto à utilização de produtos químicos na agricultura, sua resposta era no sentido de estimular a proteção da natureza, o que fomentou meios e instrumentos ecológicos entre aqueles que cultivavam jardins e os fazendeiros que começavam a trabalhar nas terras então adquiridas (PRISMA, 2011, pp 17).

Das primeiras fazendas, adquiridas já na década de 1960, e maiores em área, Auro-Orchard (“Pomar-Auro”, com 17,6 ha) e Annapurna (54 ha), fazenda esta que está fora do círculo limite com diâmetro de cinco quilômetros, hoje produtora de importante quantidade de arroz orgânico mas em sua trajetória com momentos em que esteve abandonada por dificuldades várias, passando por uma série de outras fazendas pertencentes à comunidade e sob a Fundação Auroville, como Aurogreen (12 ha), Discipline (5,6 ha), Siddhartha farm (4,3 ha), entre outras, atualmente vemos uma rede consolidada de terras dedicadas à produção agrícola (Figura 15) com diferentes configurações: Annapurna tem dois administradores, dezenove funcionários e tem acomodação para três voluntários (há voluntários que não vivem nas terras da fazenda, aqui não contabilizados)<sup>9</sup>, Auro-Orchard tem seis administradores, trabalha com voluntários ainda que não tenha acomodações para eles, Siddhartha farm tem um administrador e oferece oportunidades para voluntários e, assim, vemos nessa rede produtora dimensões variadas e formas de trabalho complementares (PRISMA, 2011, pp. 45-70). Há relatos de práticas convencionais no plantio em fazendas como Auro-Orchard mas, na maioria delas, técnicas ecológicas que incluem a permacultura, a produção biodinâmica etc têm dado o tom e, mesmo naquelas em que por suposto pragmatismo teria sido feito eventualmente uso de fertilizantes químicos, há uma conversão vigorosa à perspectiva da agricultura sem venenos. Dos aproximada-

8. <<http://aquadynauroville.com/site/qui-nous-sommes/>> Acesso em 18/10/2017.

9. Disponível em <<https://www.auroville.org/contents/2871>> Acesso em 18/10/2017.



Figura 15. Fazenda próxima à Solar Kitchen (Foto do autor)

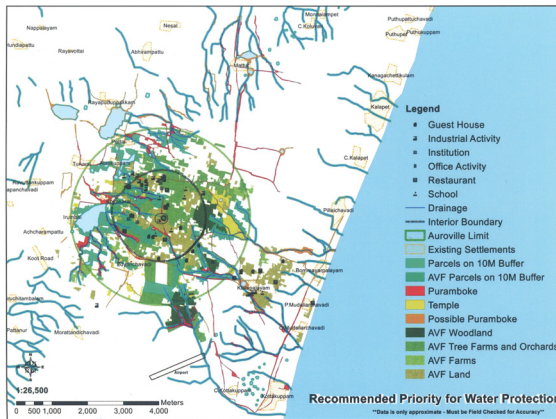


Figura 16. Mapa com áreas de fazendas, de reflorestamento e de manejo de águas em Auroville. Fonte FASSBENDER, 2013, p. 166.

mente dois mil hectares de terras de Auroville, dados referem-se a quase 200 ha de fazendas dedicadas à agricultura e com algum rebanho que possibilita a produção de leite e derivados, além de ovos. Trinta e cinco residentes aurovillianos administram essas terras e aproximadamente duzentos trabalhadores das vilas no entorno são funcionários de tempo integral na produção agrícola (PRISMA, 211, pp. 43). Somadas as áreas de produção agrícola às áreas destinadas a reflorestamento e a mecanismos relacionados à proteção das águas, temos uma porcentagem significativa das terras aurovillianas, como se pode ver no mapa aqui reproduzido (Figura 16).

Quinze das fazendas existentes em Auroville compõem atualmente o chamado Grupo de Fazendas Auroville - *Auroville Farm Group* (AVFG), que tem um centro de distribuição chamado *Pour Tous*, junto do refeitório comunitário com fogão solar chamado localmente de *Solar Kitchen*. A comercialização dos produtos no mercado do *Pour Tous* é realizada a partir da utilização do chamado *Aurocard*, cartão que substitui transações em dinheiro e que funciona como uma moeda local. O depósito de valores no cartão garante que a renda da comunidade se mantenha no âmbito de sua localização e seja tratada como fundo para investir em necessidades relacionadas à produção local. Trata-se de mecanismo semelhante ao utilizado em cidades dos Estados Unidos e da Alemanha, onde há um esforço de dinamização da economia local em detrimento da especulação financeira

(DOWBOR, 2016, p.60-61). Assim, podemos pensar em Auroville como também um experimento de Economia solidária ou Economia local, com uma moeda local representada pelo *Aurocard*. A participação, dita inclusive como sendo intensa, dos residentes aurovillianos nas decisões quanto aos recursos dos fundos existentes e quanto à utilização das terras da comunidade corrobora a perspectiva da valorização do Poder Local, fazendo com que não só no âmbito da regeneração da paisagem e da filtragem das águas, mas também da dinâmica econômico-financeira, estejamos diante de um experimento, dentre uma série deles, viabilizados em função de valores defendidos e que estão na base da Fundação de Auroville, ancorados na Geometria que ilustra a busca por uma nova condição para a humanidade.

Auroville não é autossuficiente na produção de alimentos mas ocasionalmente tem excedentes que são comercializados fora da comunidade. O ponto de contato entre a produção local e os residentes é o já mencionado mercado do *Pour Tous* (Figura 17), que atende famílias inscritas em função de suas necessidades. Junto ao mercado, está exposta em painéis a produção das fazendas do AVFG referente a um ano (na ocasião da visita do autor, havia informações da produção entre Abril de 2015 e Março de 2016): das fazendas citadas acima, destaca-se a colheita de arroz em Annapurna (em torno de 17 toneladas anuais), a produção anual de Auro Orchard de mais de 150 mil de ovos e aproximadamente mil litros de leite,



Figura 17. Mercado Pour Tous, junto à Solar Kitchen (Foto do autor)



Figura 18. Free Store, ao lado da Solar Kitchen. Foto do autor.

10.informação disponível em <<https://www.ecodebate.com.br/2011/07/29/analise-de-consumo-alimentar-da-pesquisa-de-orcamentos-familiares-pof-2008-2009ibge/>> acesso em 20/10/2017

11.informação disponível em <<https://www.auroville.org/contents/3377>> acesso em 20/10/2017

3,5 mil quilos de pepino e 300 kgs de tomate, a colheita de Siddartha farm de mais de 600 kgs entre sésamo, amendoim etc e 8 mil litros de leite, Aurogreen com mais de 700 kgs de queijos e 400 kgs de limão. As colheitas de frutas que não são de estação em Auroville, banana e papaia, somadas as fazendas aqui indicadas, têm uma produção anual, respectivamente, de 300 kgs e quase 2,4 mil kgs (informações coletadas no local, confirmadas nas estimativas apresentadas no site da AVFG). No caso do arroz, considerando-se para uma reflexão preliminar, um consumo médio per capita/dia de 0,18kg (média do consumo brasileiro, aqui utilizado como base<sup>10</sup>, um pouco mais baixo do que o consumo indiano), a produção de Annapurna é capaz de suprir em torno de 250 pessoas em um ano, bem menos do que os estimados 2.400 residentes fixos de Auroville<sup>11</sup> (locais dizem que incluindo voluntários, o número de pessoas que vivem ali quadruplica). Pelos números acima, imagina-se que a produção de ovos e de papaya seja passível de ser comercializada fora de Auroville, sendo de maneira geral a comunidade dependente da produção de fora. Não estão aqui computadas muitas das fazendas que ali produzem, mas que são pequenas, com produção de vegetais consumidos localmente - nenhuma dentre as fazendas têm números que se aproximam de Annapurna ou de Auro Orchard. Djaima farm (4 ha) produz duas toneladas e meia de vegetais e quase cinco toneladas de frutas, algo que estima-se poder manter também entre 10 e 15% da população aurovilliana. Talvez aqui

esteja uma das razões de alguns paradoxos no conjunto de experimentos representado por Auroville: o modelo ali defendido não é estanque em relação às flutuações da economia globalizada, não só no que diz respeito aos alimentos, mas também a equipamentos, sobretudo tecnológicos, entendidos como imprescindíveis na condição contemporânea.

A busca por uma condição sustentável, no entanto, segue em Auroville e apostas em dinâmicas que estimulam relações comunitárias e de baixo impacto são perceptíveis em várias situações, como no container junto à *Solar Kitchen* que serve de *Free Store* (Loja gratuita - Figura 18), onde se pode deixar coisas que não são mais usadas e levar aquilo que estiver disponível e for necessário, espécie de depósito coletivo que faz pensar em hábitos presentes em, por exemplo, países escandinavos, onde há edifícios com depósitos cuja dinâmica é equivalente. Também no esforço de reutilização de potes e embalagens que se percebe no mercado do *Pour Tous*, assim como na proposta do café que se situa no Centro de Visitantes que é mantido por jovens residentes, que assim conseguem alguns recursos.

Experimentos no sentido de uma ação humana ecológica também são percebidos no âmbito da construção civil: há um Centro de pesquisas em construções com terra crua, o *Auroville Earth Institute* (Figura 19), e um Centro de trabalhos e experimentos com a utilização do bambu, *Auro-*



Figura 19. Edifício no Auroville Earth Institute. Foto do autor.



Figura 20. Casa recente construída com materiais e procedimentos tradicionais. Foto do autor.



Figura 21. Pavilhão francês – aqui, um dos galpões de dimensões equivalentes. Foto do autor.

ville Bamboo Center, onde há workshops para divulgação de técnicas relacionadas a esses materiais e também onde se produzem componentes e artefatos, sendo portanto, em alguma medida empresas que estão na base da construção civil na comunidade.

As construções iniciais de Auroville, onde viviam os voluntários, tinham um caráter de reinvenção de técnicas e tipos tradicionais, com materiais locais de baixo impacto, o que dava aos primeiros arranjos um aspecto de aldeia tradicional revisitada, muito semelhante a comunidades chamadas de alternativas que se estabeleceram a partir da postura contracultural que desde o final dos anos 1960 mas sobretudo nos anos 1970 se desenvolveu na cultura ocidental. Esse tipo de construção seguiu sendo produzido e utilizado (Figura 20) mas, nos edifícios institucionais resultantes da intuição d'A Mãe e desenvolvidos por arquitetos com formação em que o pensamento moderno prevalecia, com seus materiais de produção centralizada e industrial, o concreto armado passa a ser utilizado em consonância com outra vertente daquelas décadas iniciais de Auroville, na qual aquele material foi especialmente reverenciado, tornando-se inclusive marca registrada da arquitetura moderna em vários países, permitindo, em função de suas características construtivas, materializar formas marcantes como da esfera abatida chamada Matrimandir, com estrutura em concreto armado e fechamentos em placas metálicas douradas, resultado da instigante geometria lapidada

pela visão da fundadora, assim como os edifícios inicialmente propostos, e apenas parcialmente executados, do Pavilhão da Índia.

Presente no projeto original de Auroville, a ideia de pavilhões nacionais remete às exposições universais realizadas no ocidente desde o final do século XIX, com suas representações por países, postura que as bienais de arte internacionais também por muito tempo praticaram e que se pode associar ao espírito da época, sobretudo em meados do século XX. Dos pavilhões previstos em Auroville, apenas o indiano e o tibetano foram levados adiante. O Pavilhão da Índia contava com um projeto ambicioso e foi construído apenas parcialmente e o Pavilhão do Tibet, talvez em função da luta por independência deste país em relação à China, teve sua construção impulsionada pelo líder religioso Dalai Lama, provavelmente num esforço de afirmação de sua identidade, além de reverenciar o esforço d'A Mãe, com quem o líder tibetano manteve contato. Os outros pavilhões seguem como intenções, exceto pelo francês (Figura 21) que já tem um novo sentido: não mais fundamentalmente uma expressão da cultura francesa, mas pensado como um centro de visitantes patrocinados pela França, observatório e instrumento de interação com o conjunto de experimentos que é Auroville.

Na zona internacional, marcadamente institucional como vimos acima, há um edifício junto ao pavilhão indiano que chama atenção por sua in-



Figura 22. Auditório no Savitri Bhavan, edifício em que se cuida de propagar as ideias dos fundadores de Auroville. Foto do autor.



Figura 23. Blocos de terra prensada produzidos no Auroville Earth Institute. Foto do autor.



Figura 24. Centro de Visitantes, na Zona Internacional de Auroville. Foto do autor.

vocação, seu nome é Laboratório da Evolução, com uma pequena biblioteca e o desejo de levar adiante a reflexão empreendida por Sri Aurobindo e *A Mãe* sobre a possibilidade de desenvolvimento humano. Próximo está também o Savitri Bhavan (Figura 22), edifício com auditórios e salas de exposição e meditação, dedicados às ideias dos fundadores, das quais servem como mantenedores e difusores.

O centro de pesquisa em construção com terra já mencionado produz materiais para construção que são utilizados por toda Auroville. Blocos prensados de terra e cal ou cimento (por vezes, pó de pedra) produzidos no *Auroville Earth Institute* (Figura 23) são a base da construção do Centro de Visitantes (Figura 24) na zona internacional, por exemplo. Ali, os blocos foram utilizados nas alvenarias e em arcos, cúpulas, pavimentação etc. Na sede do instituto de Terra, experiências como a construção de abóbadas realizadas sem cimbramento (técnica tradicional do alto Nilo), entre outras, podem ser vistas nos edifícios com usos diversos. Casas e escolas em todas as zonas foram construídas com os blocos ali desenhados e realizados.

Ainda a experimentação geométrica e tipológica nas construções se mantém; há uma interessante diversidade de posturas construtivas que se observa ao se perambular por Auroville. Nas vilas que estão nas bordas da área circular onde se assenta Auroville, percebe-se uma forma e dinâmicas que são recorrentes na Índia, ainda que

pouco associadas à maneira como aquele conjunto de experimentos se expressa. Há uma arquitetura tradicional que sobrevive em algumas casas nos arredores e nas construções de estrutura de madeira cobertas de palha. Naquelas podemos observar um espaço de transição tradicional entre interior e exterior, mediação comparável às varandas da arquitetura brasileira, mas naquele caso com um plano mais alto do que a rua e do que o interior da moradia, lugar que favorece o sentar-se em uma posição equivalente à de meditação, numa situação protegida do sol, em interação com os movimentos externos (Figura 25).



Figura 25. Casa tradicional na vila de Kottakarai, nas bordas de Auroville. Foto do autor.

Também se percebe o que podemos nos referir como arquitetura moderna em Auroville: Edifícios em concreto armado como a galeria de arte Kala Kendra (Figura 26) e o auditório Sri Aurobindo são exemplares nesse sentido.

No que diz respeito à forma de se construir em Auroville, interessante descrever uma proposta



Figura 26. Galeria de arte Kala Kendra, edifício originalmente pensado para abrigar um restaurante. Foto do autor.

recente de canteiro experimental, com uma perspectiva do trabalho como algo associado à capacitação e desenvolvimento espiritual, que pudemos observar em uma área chamada Sacred Groves. Ali, a partir da proposta de construir mais de cem casas para novos residentes, um protótipo tem sido executado com trabalho de voluntários que recebem recursos para seu sustento em consonância com os princípios de Auroville e que participam de palestras sobre a busca da consciência associada às ações humanas. A ideia é a de uma construção de baixo impacto, que não tenha emissões de carbono. Lança mão de técnicas a que nos temos referido como de uma bioarquitetura: terra crua, materiais locais, utilização de recursos à mão para possibilitar um manejo apropriado das águas, relação cuidadosa com a vegetação existente e a perspectiva de regeneração. Há, sem dúvida, paradoxos nessa experiência - que se fazem visíveis sobretudo nos conflitos que ocasionalmente eclodem entre aurovillianos e “locais”, sendo estes os habitantes sobretudo dos arredores, que têm um grande estranhamento em relação a hábitos de voluntários, que muitas vezes são vistos como afrontas.

Observando-se o conjunto de Auroville, apesar de instituições locais de governança e troca, surge o questionamento sobre tratar-se ou não de uma cidade, cuja definição foi objeto de reflexão por parte de Jean Rémy e Liliane Voyé que, quanto à sua materialidade, levantaram visões de que, para alguns, na cidade haveria

um modo de vida específico, marcado nomeadamente pela multiplicação das redes relacionais deslocalizadas (...), [já] para outros um lugar de destaque de anonimato, ao passo que outros ainda limitam nela as suas relações às que a vizinhança lhes proporciona (RÉMY, VOYÉ, 1994, p. 13).

Encarado de forma descritiva, o conceito de cidade organiza-se à volta de vários elementos. Evoca uma certa densidade de habitat e uma dominância do construído sobre o não construído: ela é um espaço no qual a natureza se pode mais ou menos inscrever, mas que, em todo caso, ela não estrutura (RÉMY, VOYÉ, 1994, p. 14).

A revisão de paradigmas quanto à infraestrutura tem desconstruído esse último raciocínio? Parece que podemos investigar a cidade em função de “definir o laço existente entre um tipo de apropriação do espaço e uma dinâmica coletiva” (RÉMY, VOYÉ, 1994, p.14) e, numa abordagem outra, os autores citados referem-se a uma maneira de ver na cidade “a ligação entre uma exploração das possibilidades e das potencialidades proporcionadas pelas trocas imediatas”. Numa diferenciação quanto a uma situação não urbanizada, há quem defenda que em uma cidade, quanto à estruturação da vida coletiva, “os laços se tornam muito mais flexíveis e menos necessários” (RÉMY, VOYÉ, 1994, p. 15). No dizer dos autores, a urbanização acres-



Figura 27. Caminho típico em Auroville, com presença preponderante da vegetação. Foto do autor.

centa mobilidade como um valor no cotidiano das pessoas: há, portanto, na cidade uma integração de mobilidade espacial, com uma conotação positiva, na vida cotidiana. Em leituras atuais, não mais se confundem urbanização e industrialização, nem mesmo campo e agricultura. Diante de várias vertentes apresentadas de definição do que seria uma cidade, Auroville, com seu aspecto de campus universitário ou de parque habitado (Figura 27), seria um bairro ou uma área rural em processo de urbanização? Seria campo urbanizado? Faria parte de uma região urbanizada no sudeste indiano? Há quem se refira à comunidade aurovilliana como uma ecovila: até que ponto podemos compreendê-la assim? As descrições apresentadas neste artigo mostram Auroville como um conjunto de edifícios e usos combinados, em que há uma certa possibilidade de anonimato justaposta a uma catalização de relações sejam de vizinhança, sejam em função de dinâmicas ali presentes em várias escalas, das possibilidades que ensejam, de tensão entre enraizamento e mobilidade, tanto social como física, que ali tem certa ênfase em veículos de menor impacto, ainda que esta prerrogativa esteja mais presente em vários experimentos como na construção civil e na produção de alimentos - isso faz da comunidade de Auroville uma cidade ecológica, uma Ecovila? A percepção de tratar-se de uma área vegetada com edifícios esparsos e de forma geral distantes entre si faz demover a ideia de Auroville ser uma cidade?

Independente de definição quanto ao que representa como aglomeração humana, o conjunto de experiências nomeado Auroville é notável por seus quase cinquenta anos de vida, por sua atualização contínua, sempre com lastro e garantia de persistência na intuição inicial fundadora.

### Referências Bibliográficas

AUROBINDO, Sri **The Life Divine - The Complete Works of Sri Aurobindo** vols 21 e 22 Pondichery: Sri Aurobindo Ashram Publication Department, 2005

BANHAM, Reyner **Megaestruturas, Futuro urbano del Pasado reciente** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001

BERMAN, Marshal **Tudo que é sólido desmancha no ar** São Paulo: Companhia das Letras, 1997

DOWBOR, Ladislau **O que é Poder Local?** Imperatriz MA: Ética, 2016

ELIADE, Mircea **Traité d'histoire des religions** Paris: Éditions Payot, 1991

ELIADE, Mircea **Le mythe de l'éternel retour** collection Folio/ Essais Sarthe La Flèche: Gallimard, 2002

FASSBENDER, Franz (org.) **Landscapes and Gardens of Auroville, the transformation of the land** Auroville: Prisma, 2013

FASSBENDER, Franz (org.) **Auroville Architecture, towards new forms for a new consciousness** Auroville: Prisma, 2014

PELLEGRINO, Paulo; MOURA, Newton B. **Estratégias para uma Infraestrutura Verde** Barueri SP: Manole, 2017

PRISMA BOOKS (org.) **Auroville farms, forest and botanical gardens** Auroville: Prisma, 2011 - disponível também no site <<https://www.auroville.org/contents/2876>> acesso em 18/10/2017

REMY, Jean; VOYÉ, Liliane **A cidade: rumo a uma nova definição?** Porto: Edições Afrontamento, 1994 ■